

Língua-mar: viagem e poesia em Jáder de Carvalho¹*Language-sea: trip and poetry of Jáder de Carvalho*

SARAH DIVA IPIRANGA

Universidade Estadual do Ceará – Fortaleza – Ceará – Brasil



Resumo: Jáder de Carvalho (1901-1985), escritor brasileiro do século passado, destacou-se sobretudo pelo apelo regional de sua poesia. *Terra bárbara*, *Terra de ninguém*, *Água da fonte* são algumas das publicações que já indicam, pelo título, a filiação à veia telúrica e às questões da nacionalidade. No entanto, sua produção mais amadurecida altera o curso da temática anterior e encaminha-se para a *melancolia autobiográfica*. Nesta perspectiva confessional, entra em cena a memória dos antepassados portugueses e, num plano coletivo, a da colonização. Por meio da glosa intensa dos Descobrimentos, cria um estado poético particular, no qual incorpora o *ethos* do navegante e constroi uma linha discursiva consubstanciada semanticamente no *topos* da *viagem*.

Palavras-chave: Viagem; Imaginário; Autobiografia

Abstract: Jáder de Carvalho (1901-1985), a Brazilian writer of the last century well-known specially by his local poetry. *Terra bárbara*, *Terra de ninguém*, *Água da fonte* are some of his publishes which indicate by the titles the filiation with the telluric vein and with some nationality questions. However his matured production changes the path of last thematic and forwards to the autobiographic *melancholy*. In this confessional perspective it brings in scene the memory of his Portuguese origins and in a collective plan, the memory of colonization. By the intense repetition of the *Discovers* it creates a particular poetic state which incorporates the *ethos* of the navigator and builds a discursive line semantically transformed on the *topos* of the trip.

Keywords: Trip; Imaginary; Autobiography

– Onde vais tu, Cavaleiro,
Pela noite sem luar?
[...]

Vais guiar as caravelas
Por sobre as águas do Mar?

ANTÔNIO NOBRE

Jáder de Carvalho, poeta brasileiro do séc. XX (1901-1985), nasceu em uma região do País (Nordeste-Ceará) que tem a migração como um traço identitário marcante. Essa difícil *experiência de viagem* é insuflada por motivos de ordens variadas: da exiguidade econômica à ‘magreza’ intelectual. Ou seja, o mesmo destino é compartilhado tanto por agricultores, que não têm como produzir diante

da sequência de secas, quanto pela intelectualidade, sedenta de uma cultura mais aprimorada. As duas sedes tornam a *imigração* uma matriz de impacto importante na construção mental da coletividade local.

Embora situado neste contexto socioeconômico e cultural, Jáder de Carvalho, ao contrário dos colegas e da tradição², recusou deliberadamente a *viagem-exílio*, traço determinante no seu percurso histórico e na sua poética: “Tenho toda a geografia dentro/ da minh’alma” (CARVALHO, 1978, p. 14). A permanência no Ceará talvez explique o desconhecimento de sua obra no cenário nacional, apesar de ganhador de prêmios importantes, entre eles o Prêmio Olavo Bilac de Poesia, da Academia

¹ Este trabalho fez parte da Pesquisa Pós-Doutoral desenvolvida no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (2013-2014): “Infância, memória e formação na poesia de Jáder de Carvalho”. Financiada pela CAPES. Supervisão da Prof^ª Dr^ª Paula Morão.

² Todos os grandes nomes da literatura cearense do séc. XIX viveram a experiência da migração: José de Alencar, Adolfo Caminha e Antônio Sales. Ver Ipiranga, Sarah (2006).

Brasileira de Letras, com o livro *Água da fonte* (1966). Interlocutor de vários escritores (Jorge Amado e Graciliano Ramos)³, leitor voraz da produção brasileira e internacional, sintonizado inclusive com as teorias literárias de destaque na época, Jáder produziu muito e desorganizadamente. Perdeu originais, não acompanhou toda a edição da obra, apesar de ter publicado alguns de seus livros na editora que mantinha em sua casa, *Terra de Sol*. Preso por diversas vezes, perseguido pela política, afastado do cargo de professor do Liceu do Ceará, não pôde se dedicar aos fazeres literários com a calma que a burocracia ofereceu a muitos escritores na metade do século passado⁴. Tudo nele foi intempestivo: a força, o amor, o verso. É de se admirar que em meio a tanta turbulência tenha se desenvolvido um poeta maduro e consciente do seu fazer poético. Uma consciência que brotava das noites insones, nas quais o esforço da memória na busca de si trazia para a escrita o poeta melancólico. Assim, durante a vida, procurou equilibrar-se como escritor, jornalista, professor, mas sua simplicidade o impediu talvez de gritar mais pela sua obra como o fez pela sua gente (“Eu poeta sem viagens pelo mundo,/ mas poeta do meu povo”) (CARVALHO, 1978, p. 72)⁵.

Apesar desse esforço de permanência e luta, sua poesia está em permanente diálogo com o tema da *viagem*. Se Antônio Sales (escritor cearense de destaque nacional com a obra *Aves de arribação*) partiu do Nordeste, mas sua obra permaneceu centrada na região que lhe deu origem, Carvalho, que não viajou para o estrangeiro e teve deslocamentos ocasionais dentro do país, tem sua poesia invadida de imagens ultramarinas, passeios imaginários, com metáforas assentadas no campo semântico da navegação: “A serra onde nasci foge de mim.../E me vejo em *mar alto*, à flor das ondas” (CARVALHO, 1977, p. 87) (grifos nossos). O sertanejo assertivo e combatente, fiel ao seu lugar de origem (“Quase não conheço cidades tentaculares./Amo os lugarejos do sertão”) (CARVALHO, 1978, p. 54), inclina-se liricamente para o convés de um barco, no qual inicia a trajetória de si pelo mundo.

O número elevado de poemas cuja significação constrói-se a partir deste *topos* (“Nau perdida”, “Nau suicida”, “Ilha morta”, “Veleiro andarilho”, “Navio fantasma” etc) indica, pois, a viagem e seus desdobramentos como estruturantes da sua poética. A recorrência de uma imagem ou tema, numa compreensão comparatista, é ressaltada por Claudio Guillén como uma força que confere significação especial à obra: “Quien cita y repite, valora lo repetido, no calcando sino recalando; y talvez manifieste, com tenacidade que llega a ser emotiva, una voluntad de continuidade” (2005, p. 256). Especificamente sobre a viagem, Machado e Pageaux reforçam a sua importância como elemento significante de um texto e revelador do percurso interno daquele que escreve-viaja:

A viagem, na sua especificidade, torna-se uma espécie de tema literário, no qual é importante ver até que ponto ela pode estruturar um texto ou imaginário de um escritor e quais serão os diversos aspectos e metamorfoses desse tema (MACHADO, PAGEUX, 1988, p. 33).

Na poética jaderiana observa-se justamente esta apropriação estruturante e metamorfoseada do tema, que se revela numa perspectiva intratextual (criação de uma imagem própria – *o navegante à deriva* – sobreposta à habitual e sedimentada pelo uso – *o navegante conquistador*) e, num processo contíguo, o estabelecimento de um diálogo extratextual com as forças da cultura e da própria literatura (História do Brasil e de Portugal, o Ciclo dos Descobrimentos, Literatura de Navegação e Naufrágio). Nesse confronto entre imaginário coletivo e ressignificação pessoal, destaca-se a evocação de um substrato de imagens portuguesas, que estão ligadas à tradição cultural do povo lusitano (poetas, paisagens, fatos históricos) e à origem dos parentes do escritor: “Vim de Lisboa,/numa caravela/ ainda no sangue de remoto avô” (CARVALHO, 1966, p. 16⁶). As memórias familiares associadas a inventários coletivos de saber (a figura do *pastor* decalcada das poesias *pastoris* portuguesas é recorrente como também as *cantigas de amigo*) conferem aos poemas um tom de compartilhamento de experiências.

Neste trabalho procura-se, pois, a partir da ideia geradora da *viagem*, investigar os processos que estão a ela associados – históricos e literários – e que imprimem um imaginário específico aos poemas. Como consequência desse processo, analisa-se a convivência, na obra de Jáder de Carvalho, de duas identidades poéticas e de seus elementos e metáforas constituintes: o *homem sedentário*, cuja força encontra-se no elemento *terra*, carregado de uma significância geográfica (contingência e

³ Graciliano foi comprovadamente leitor e crítico da obra de Jáder: “escrevi o romance *Caminhos da Terra* e mandei para Graciliano Ramos” (1987, p. 42).

⁴ É sabido que vários escritores brasileiros, amigos de políticos, conseguiram cargos públicos, o que lhes possibilitou uma estabilidade financeira e, por consequência, tranquilidade para a dedicação ao ofício de escrever. Carlos Drummond de Andrade e Machado de Assis são dois bons exemplos. Ver Bomely, Helena (2001).

⁵ No prefácio do livro *Água da fonte*, Jorge Amado explicita bem a importância da poesia de Jáder de Carvalho como representativa de um compromisso ético e estético: “Jáder e sua poesia são como o Nordeste: irredutíveis. Não se deixam vencer, não se consideram jamais derrotados. Sua poesia (e também sua prosa e sua vida, sua ação) ajuda o homem nordestino a vencer a desgraça e o desespero, é canto de amor e confiança” (1966, p. 5).

⁶ Segundo depoimento de Jáder de Carvalho ao Museu Nirez, o fato de o avô ser um cristão novo foi a causa da vinda para o Brasil: “O meu avô [João Aires de Olival] era cristão novo. A sua família foi muito perseguida em Portugal, de maneira que ele fugiu para o Brasil numa embarcação, com 16 anos de idade. Desembarcou no Maranhão e depois veio para o Ceará, exatamente Quixadá, onde se casou com minha avó que pertencia à família Queiroz...” (1987, p. 49).

soberania das forças de pertencimento, regidas pelo apego à região), e o *viajor de imagens* ou *homo viator*, insuflado pela água que invade os contornos da poesia, expondo-o às vicissitudes da vida ao *mar*.

Será necessário, para isso, contar com o contributo da literatura comparada, no que ela pode esclarecer sobre o trânsito de imagens e temas numa perspectiva literária e cultural. Guillén trata em especial da expressão literária do exílio e das consequências para a subjetividade do narrador/poeta:

Innumerables, los desterrados. Reiniciada un sinfín de veces, la experiencia del exilio a lo largo de los siglos. Sin embargo, ésta cambia. Es lo que asombra al estudioso: la infinitud del exilio y de las respuestas literarias al exilio; y de buenas a primeras también, las reiteraciones, la íntima asociación del devenir con la permanencia (2005, p. 54).

Dentro desse escopo, destaca-se o conceito de *viagem* (MACHADO, PAGEAUX, 1988), que também faz par com o comparativismo, pois o trabalho incidirá sobre a relação e reconstrução de imaginários específicos. Da mesma forma uma incursão nos estudos sobre as relações entre Portugal e Brasil (LOURENÇO, 1999; SECCHIN, 2009) será esclarecedor acerca do sentido histórico e literário do diálogo que atravessa os dois países. Numa perspectiva mais intimista, tem lugar o recorte autobiográfico, que encontra nas reflexões de Paula Morão um substrato teórico fundador. Assim, conduzidos por essa rota, podemos compreender o eu-lírico jaderiano que, ao se jogar no mar das memórias e da tradição, mergulha profundamente em si.

1 A viagem: entre a recusa e a experiência

Se a viagem é uma “experiência do estrangeiro, vivido *ou imaginado*” (MACHADO, PAGEAUX, 1988, p. 33) (grifo nosso), o poeta precisa estar habitado por imagens que dizem respeito a esta vivência. Em um primeiro substrato, percebe-se que as imagens motrizes advêm da tradição (leituras que estão assentadas na formação do poeta-leitor) e da componente histórica (a chegada dos portugueses ao Brasil). Uma metáfora unifica os lugares de enunciação (pessoal, livresco e histórico) – o *eu-barco* – e inscreve-se como eco textual das navegações: “E o homem que canta e chora em mim/sofre a nostalgia das longas viagens/e agita um lenço molhado de pranto” (CARVALHO, 1966, p. 179). A partir do campo semântico que essa corrente de imagens arrasta do passado, o poeta passa a navegar e este será o seu horizonte. Por isso, uma eterna nostalgia inscreve-se nos poemas e apresenta-nos um viajante preso, que precisa da explosão do verso para vir à tona: “Eu

sou o cárcere de uma voz que pede viagens e distâncias” (1966, p. 179)⁷.

No entanto, antes de se abandonar às águas infinitas da viagem, o eu-poético passa por um processo de indecisão, situado na ambivalência *terra e mar* que espelha a contradição com que convive: “Amoroso do mato e da cidade/se me alegrava o cheiro do sertão,/ como gemia o mar dentro de mim” (1973, p. 67). A partir desse veio duplo, estrutura-se uma parte da sua produção poética. Em “Pastoril” (1982, p. 99), poema da primeira fase do autor, mais regionalista, o poeta expõe os dilemas vividos entre ficar e partir, como também as motivações da recusa da viagem, mediadas pelo olhar e sentimento daquele que ficou.

Companheiros de infância largaram-se
pelos caminhos do mar.
Uns negociam no Rio. Outros passaram fome
em São Paulo.

Dois ou três pisaram terras longínquas, no fim
do mundo,
recebendo nos rostos o vento
de oceanos e mares que nunca vi,
ouvindo a música estrangeira de línguas que jamais
escutei. (grifos nossos)

Um mapa do país e das suas condições é traçado inicialmente no poema, que aponta as rotas mais comuns do êxodo. O *mar* afigura-se como o caminho que leva à *partida* e à dispersão dos amigos: Ou seja, são os ‘caminhos’ marítimos que indicam o afrontamento de um limite e a perda da coesão social, como também apontam para o desconhecido (“terras longínquas”, “fim do mundo”). A terra, ao contrário, significa o princípio de uma unidade, a manutenção de uma ordem coletiva, pois, pelas características que lhe são inerentes, permite a fixação do homem e da sua cultura.

Apesar da dor da partida dos amigos, o eu-poético também revela o desejo de conhecer e viver em terras estrangeiras, referindo sua preferência por Portugal e excluindo outros centros culturais importantes: “Paris, Nova Iorque, Berlim – todas elas me entendiam./ Quis a princípio ser dono de uma quinta em Portugal” (1982, p. 99). O desejo, com certeza, é insuflado pela parentalidade, pois, como já falamos, o poeta tem antepassados portugueses: “um meu longínquo avô pensava contra o rei e a burguesia/nascente em Lisboa./ Então foi mandado para o degredo no Brasil” (1973, p. 88). Ao retornar, de forma imaginária, a terra que lhe deu origem, resgata lugares que estão assentadas pela tradição e que montam um mapa mental daquele que não viajou, uma vez que

⁷ A partir de agora, as referências às poesias de Carvalho virão acompanhadas apenas do ano e número da página do livro correspondente.

arremata espaços dispersos em proximidade: “Banhar-me no Mondego. Ouvir missa na/ Sé de Braga./ E, uma vez por outra, subir o promontório de Sagres./ para ver, de olhos fechados, as caravelas dos Descobrimentos”.

A primeira referência geográfica, o rio Mondego, tem uma inserção importante no constructo literário de Portugal, pois é um dos rios mais cantados pelos poetas. Ele é presença constante nos poemas de Camões e António Nobre, que são por sinal os poetas mais admirados por Carvalho: o primeiro pelo que representa de fundador de uma tradição e o segundo pela filiação ‘melancólica’, já que o escritor cearense é marcado pelo drama da solidão⁸. Nobre é evocado no seu poema “Neié”, no qual, para dar conta da dor da mulher filha de escravas, diz, ironicamente, que seu sofrimento só pode ser comparado com o de António Nobre: “Ela não fora escrava, porém filha/ de uma cativa dessa costa d’África/ Tão longa e má que o só António Nobre/ sentia costa assim na vida humana...” (1997, p. 82). Assim, referências culturais irmanam-se com a ascendência familiar e potencializam os pontos de contato entre as duas identidades e o trânsito de imagens que elas propiciam.

No entanto, apesar do reconhecimento das afinidades e da sedução da viagem, o poeta opta pela permanência, pois, como falamos de início, este poema faz parte de um livro de 1931 (*Terra de ninguém*), quando os laços telúricos com a terra são a subjetividade mais presente em seu labor poético.

Do fundo da planície saíram mãos invisíveis
e me seguraram as pernas.
Do alto da Serra do Estêvão, outras mãos
me agarraram os cabelos.
Dos rios secos, dos riachos ausentes,
das lagoas agonizantes
Nasciam brados que me mandavam parar.
[...]
O açude, as marrecas, as jaçanãs, tudo gritava:
“Não vá”.
E não fui.
(1982, p. 100 – grifo nosso)

É importante, entretanto, ressaltar que o imaginário da viagem já se impõe como força de atração e traz com ele elementos que são indissociáveis da elaboração poética do autor. Quando diz “... subir o Promontório de Sagres, para ver, de olhos fechados, as caravelas dos Descobrimentos”, reafirma a importância fundadora das caravelas em sua poesia e do diálogo afetivo que carrega com o fato histórico que elas envolvem. Em relação a essa imagem, vale retomar o pensamento de Eduardo Lourenço, que tem uma alongada reflexão sobre o tema e suas implicações. Segundo ele, o período das navegações tornou-se uma obsessão em Portugal: “um acontecimento histórico empírico como as *Descobertas* marítimas dos

portugueses se tornou, para nós – e até certo ponto para a cultura ocidental – um *mito* de glosa aparentemente inesgotável” (2005, p. 36). Jáder parece ter recebido o impacto dessa influência e dado continuidade a ela na cadeia significativa da sua poesia. Por isso, elege o campo literário como o terreno comum no qual as duas identidades nacionais e literárias estabelecem ponto de contato. Isso fica bem visível quando no poema “A Portugal” (1997, p. 96) referencia o país e suas colônias como uma família (“As descobertas dos navegadores/ deram-te, ó Portugal, grande família/ as costas d’Ásia, d’África, d’América”) e irmana todos os países lusófonos em um vínculo imortal, apesar da ruptura que a independência significou: “Talvez te vejas sem as velhas ilhas./ Contudo, para tua eternidade, a língua de Camões não morrerá”. Claramente há uma alusão à decadência e desmontagem do império, mas a marca da língua permanece como vínculo indissociável.

Se o amor às “coisas portuguesas” estreita os laços e possibilita a contingência da viagem, pois ela é em princípio decalcada da História de Portugal, é interessante observar como Jáder de Carvalho, que foi um poeta combatente, dono de um jornal de oposição, crítico incendiário dos conservadores, ou seja, um homem em luta constante contra os desmandos do poder, posiciona-se, liricamente, de forma doce e apaziguadora com a história da colonização. Não há nos poemas uma revolta ou mesmo ironia em relação à dominação portuguesa; o que se processa, no mais das vezes, é um diálogo amoroso e encantado, marcado pelo sentimento de gratidão.

Tal postura necessita, por isso mesmo, ser analisada, pois, para a manutenção de um discurso, sabemos que as estratégias simbólicas são o viés da legitimidade. Ou seja, a permanência das imagens portuguesas requer um assentamento nas formas mentais para que sejam prolongadas. O assunto é amplo e complexo para que seja exaurido, mas exige algumas ponderações a fim de que possamos dar sequência à leitura e à compreensão mais ampla dos poemas e situá-los num conjunto maior de manifestação e memória cultural.

1.1 *Imagens da lusofonia*

No estudo que faz sobre as relações luso-brasileiras no fim do século XIX, Marie-Jo Ferreira investiga como a “identidade cultural, linguística e histórica comum entre Portugal e suas antigas e atuais colônias”⁹

⁸ Adolfo Caminha comenta a repercussão do livro *Só* entre os leitores cearenses: “como a nossa bíblia, o nosso encanto e o nosso livro amado, a tal ponto que o único volume do *Só* que apareceu misteriosamente na província andava de mão em mão, era lido e relido, e entrava-nos pela alma como um jorro de luz setentrional, como uma onda quente de vida nova” (CAMINHA, 1985, p. 163).

⁹ Conferência produzida no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, como parte dos resultados do Convênio CAPES_COFECUB, sob a coordenação do Prof. Daniel Aarão Reis (UFF). Sobre o assunto, pode-se conferir Ferreira (2005).

passou por uma série de forças que vão da emigração à formação das entidades literárias e filantrópicas. Tais ações são responsáveis pela tentativa de construção de uma nação dentro da outra e da extensão da lusofonia. No caso específico do Brasil, cita alguns marcos deste conjunto de ações, entre eles a criação no Rio de Janeiro do Real Gabinete Português de Leitura (1837), a Sociedade Portuguesa de Beneficência (1840), o *Jornal do Comércio*, como também a permanência no país de escritores que se vocacionaram para a difusão da ‘alma portuguesa’, com destaque para Fran Paxeco, que morou vinte anos no Brasil. Ou seja, há um esforço inteligente e determinado para que as marcas da colonização, que trazem imediatamente as imagens de violência e invasão, transformem-se, apaziguadas, num constructo cultural que ligue as duas nações e que reflitam e destaquem a origem ma(fra)terna.

A intenção, subjacente ou não, era também impedir a influência de outros países, como Inglaterra e Alemanha, e manter a terra brasileira, considerada uma extensão da pátria portuguesa, longe do ideário das nações estrangeiras. Contraditoriamente, corria em Portugal um conjunto de leis que buscava manter os cidadãos em solo nacional, impedindo a sangria demográfica¹⁰ que era a partida incessante de portugueses para o Brasil.

A independência brasileira aprofundou a inquietação e tornou a relação entre os dois países ainda mais tensa. A historiadora Fernanda Maia descortina as apreensões e atitudes dos políticos portugueses diante da “amputação” da terra brasileira ao domínio português e da partida desordenada da emigração (2002). Entre o desespero da perda da fonte econômica e os inevitáveis laços que, apesar da separação econômica e política, ainda se mantinham, desvenda-se um país à procura de uma explicação, de uma solução e de um caminho. Assim, essa relação dúbia que se dá entre a efetiva amizade e a divergência de interesses econômicos dá origem a um processo de respeito e recalque que se arrasta entre os dois países e que tem repercussão importante na literatura. Da imagem de uma confraria de países irmãos, ideia muito advogada no período pós-independência, às relações de inimizade e ressentimento que tiveram sequência no transcorrer dos tempos e na mudança de condição e hierarquia entre os dois países¹¹, um longo caminho é percorrido, tendo na literatura um campo mais fecundo e ambíguo.

Tal relação dúbia foi muito bem percebida por Antonio Carlos Secchin. Em estudo que faz sobre as relações entre Brasil e Portugal durante o Romantismo,

o professor ressalta que, mais do que um recalque, houve por parte dos brasileiros uma denegação, que significa um sim dentro de um não, já que “escrever a si mesmo com a palavra tutelada pelo outro não era tarefa simples” (2008, p. 168). Assim, se ao mesmo tempo se negava o reino português, era inevitável não tê-lo como referência no terreno literário. Com essa contradição tiveram que se haver os escritores brasileiros do séc. XIX, que mantinham uma admiração incontestável pelos autores portugueses: “Independente das posições políticas, das revisões históricas, [...], o amor brasileiro aos poetas portugueses atravessou incólume todas as gerações românticas” (2008, p. 176). Carvalho, apesar de um escritor do séc. XX, não se impôs a ruptura que o Modernismo brasileiro representou e posicionou-se como herdeiro dessa tradição, o que explicaria sua relação amistosa com a cultura portuguesa e a permanência do uso do soneto em boa parte dos seus livros. O poema “Romantismo” confirma essa direção. Nele o poeta faz questão de salvaguardar a tradição literária e tem na imagem do mar o cadinho das recordações: “Romantismo ainda vive em cais de porto./Sempre o vejo na curva da fumaça/ da chaminé dos navios” (1997, p. 102).

Uma outra forma, todavia, de entender isso (a repetição e permanência do imaginário português, sobretudo o centrado na viagem) é deslocar a leitura para a capacidade de o poeta absorver e falar de forma múltipla, habitado que é por várias vozes. O fato de não haver recusas implica, em parte, a saída do horizonte histórico e a imersão na ideia de compartilhamento de afinidades literárias, espaço tão caro à literatura comparada e que supera a ideia inicial de fonte e influência. Helena Buescu, ao tratar do intercâmbio de experiências que marca a vida literária, destaca justamente a possibilidade de o poeta encarnar vários *ethos*, que se alocariam de forma horizontal na sua subjetividade.

(...) de que formas herdamos e refazemos histórias de vida (de outros, mas também de nós) que continuam a ser *usadas*, no interior da nossa produção discursiva, como *factos* (ou *fenômenos*) simbólicos – que implica que o problema se situa na fronteira tênue e movente entre o que distinguimos como ‘vida’ e aquilo que designamos como ‘literatura’ (BUESCU, 2001, p. 67).
(grifos da autora)

Dessa forma, compreende-se que o poeta é incitado pelo inevitável de uma condição poliforme e híbrida (brasileiro e português), que passa pela absorção e transformação do cânone. Nessa perspectiva compósita, os dois campos – sertão e mar – funcionam como sistemas através dos quais sua poesia se realiza. Ambos interferem em sua origem, uma local, marcada pelo elemento terra e a outra, externa, acenada pelo mar. Essa hibridização

¹⁰ Enquanto fenômeno demográfico, a migração teve repercussão devastadora para a economia portuguesa. Ver Alves, Jorge Fernandes (2001).

¹¹ Lourenço dedica um artigo a este assunto, no qual analisa as raízes da dissonância entre Brasil e Portugal. Ver “Nós e o Brasil: ressentimento e delírio”. Lourenço, Eduardo (1999).

aprofunda-se, por meio de um itinerário cíclico que faz com que todos assumam os papéis que lhes são inversos: “*sertão* cheio das vozes do *mar*, trazidos pelo ‘aracati’, e de palavras também do *mar*,/ que vieram no rastro dos *navegantes* um dia transformados em *plantadores* de currais e fazendas...” (1982, p. 49) (grifos nossos).

As imagens encontram-se, mas não escondem a duplicidade de que são constituídas. O poema “Desconhecido” (1982, p. 75) dá-nos bem essa ideia, a de um viajante português que mora no poeta e que não se dissipou com o tempo, o que evidencia um compartilhamento de experiências de identidade.

Há , na minh’ alma, alguém que desespera
por não ser conhecido de ninguém.
Oh, não seria irmão desse estrangeiro
que se escondia na alma de Prudhomme?

Eu sei que ele não é de sangue estranho.
Fala a língua que eu falo. *E também viu
as tormentas do mar, que me assaltaram
cinco séculos antes de eu nascer.*

Ele viveu a glória dos lusíadas
que dobraram o Cabo das Tormentas,
cansados já das costas africanas.

Ah, – quem sabe? – talvez não se conforme
de haver morrido num naufrágio, a nau
com marfim da Guiné, cravo das Índias.
(grifo nosso)

Vê-se que o passado não cessa de se repetir e permanece imagem e sentido. O elemento que possibilita a fusão, ou melhor, a viagem entre os tempos, já que se verifica na poesia uma coexistência temporal singular, é a água. Para Carvalho, o passado permanece na memória como as águas que atravessam séculos, isto é, uma “memória de figuraciones anteriores” (GUILLÉN, 2005, p. 230). Os versos a seguir elaboram com lirismo e agudeza metafórica essa interseção passado-presente: “Se as experiências choradas pelos homens/os nossos lenços não as enxugassem,/ não haveria apenas esses rios,/ velhos ou novos, vindos das montanhas” (1997, p. 105). A metáfora, além de dar um significado para *sabedoria* (enxugar as lágrimas do passado é uma aprendizagem e não uma subserviência), assegura o trânsito entre os tempos e imagens, que para o poeta que pouco viajou significa a possibilidade de visitar o mundo e de aceder ao conhecimento e às experiências vividas preteritamente. A água, como transmissora de imagens e substratos do passado, é uma diligência poética para dar movimento à tradição.

Dentre as ‘metáforas líquidas’, a evocação constante do mar, considerado por Guillén como um tema de *longa duração*, propõe-nos uma outra discussão acerca do

imaginário literário brasileiro. Apesar da longa costa, o Brasil, em termos geracionais ou estéticos, não se apropriou do litoral como tema ou recurso literário mais marcante. A mirada dos escritores, de uma forma geral, sobretudo no seu período de afirmação literária, foi mais para a terra e o tipo humano que nela habitava. Jáder de Carvalho insere o universo marítimo, evocado com sensorial particularidade¹².

O mar não tem caminhos, como a terra.
Os caminhos oceânicos não são vistos:
apenas sentidos, apenas sabidos de cor
pela memória dos navegantes,
que já não precisam de cartas para marear
(1978, p. 86)

No entanto, na medida em que recupera um espaço do passado e insere-o no presente poético, o escritor tanto afirma uma história, a das navegações, como também se joga num futuro incerto, pois já não há mais terras a conquistar. Se essa primeira relação atravessada pela intertextualidade corrobora o passado, pois lhe dá sequência e sustentação, a viagem, paradoxalmente, a partir de uma outra reconstrução semântica, opõe-se à história, que é de conquista e formação de um império, e, num plano bem mais intimista, amplia uma sensação de ruína e derrocada: “Alma de viajor de mil viagens,/ [...]/ São-me errantes e tristes as imagens...” (1966, p. 39).

Neste entrecruzamento entre passado e presente, encontra-se o ponto de dor da poesia de Jáder de Carvalho: a solidão de um navegante perdido (“Caravelas em tempos idos,/ – tempo dos navegadores –/ descobriu o mundo inteiro: só a mim não descobriu”) (1997, p. 123), cuja bagagem (referências históricas, culturais e literárias) não o impede de navegar à deriva de si e do mundo. Assim, como a experiência histórica da viagem não pode ser repetida pelo poeta com êxito, ele invade a praia da imaginação para completar o percurso: “Sigo, num sonho, naves andarilhas/ Que se esfumam nas líricas paisagens/ De angras azuis e solitárias ilhas” (1966, p. 39) e embarca numa viagem interna.

2 O poeta-náufrago

O traço autobiográfico da poesia de Jáder de Carvalho precisa ser recuperado para se entender com acuidade

¹² Em relação ao tema, Jorge Amado é sempre apontado como o escritor que privilegiou o mar em suas narrativas. Além dele, mencionamos outros escritores cuja evocação marítima também foi essencial à constituição dos seus textos: Virgílio Várzea, Cecília Meireles e Moacir Costa Lopes, este último conhecido como o “Romancista do mar”. Costa Lopes, cujo livro *A ostra e o vento* teve uma bem-sucedida versão cinematográfica, também é oriundo de Quixadá, mesma terra de Jáder de Carvalho. Ressalte-se que tanto Virgílio quanto Moacir foram marinheiros e levaram essa experiência para seus livros.

as viagens que empreende em seus poemas: “Olho o passado: é dele que vem/ todo o mel que se prova no meu verso” (1973, p. 16). Apesar das poesias aqui selecionadas formarem um arco temporal amplo dentro da sua produção, que vai desde o primeiro lançamento, em 1931, de *Terra de ninguém*¹³, até as publicações póstumas, sem dúvida podemos afirmar que o tom melancólico e confessional está presente na obra mais tardia do autor. Isso caracteriza a própria literatura de caráter memorialista, pois o correr do tempo oferece espaço para a sedimentação das lembranças e a maturidade do verso. A respeito do eu autobiográfico e das suas condições de produção, Paula Morão, especialista portuguesa em memorialismo, afirma com propriedade:

(...) um *sujeito enfim maduro* olha para sua própria imagem em contexto e em visão retrospectiva. Memorialismo e autobiografia tocam-se e cruzam-se, na composição do retrato crítico de um ‘eu’ que se reconstitui e se situa no quadro complexo de um percurso no tempo e no espaço (MORÃO, 1993, p. 15). (grifo nosso)

A afirmação do elemento terra, de que tratamos anteriormente, traz a marca da vivência do escritor no mundo rural da infância. Se a lembrança desses tempos é um constante em sua obra, ela também diz de uma dor sedimentada no passado e que se mantém alerta no presente: “Não gosto desta rua. Dói-me o peito/ lembrar-me de um passado que não morre” (1977, p. 57). Diante da sofreguidão que a memória traz, o poeta sai do nível da indecisão (*ficar ou partir*), abandona o eixo da materialidade que o sertão-terra oferece e aventura-se no desconhecido que faz par com um passado muito mais remoto, imemorial, quase arquetípico (1977, p. 156):

Eu não penso na terra: ela está morta.
Só peço o muito longe, o muito além.
Neto de marinheiros, a saudade
não me pede que volte a porto algum.

Ao fugir desta terra que está morta, os poemas mergulham num outro itinerário: os ‘caminhos oceânicos’. O narrador sedentário transforma-se no *homo viator*. Nessa sequência, avistam-se os poemas que criam um *estado d’alma*, um *espaço* e um *tempo* correspondentes e constroem uma poética que tem na viagem marítima o seu centro e no navegante, o cariz pessoal. Para que essa nova paisagem se instale e torne-se fundante da escrita, um campo lexical específico será arregimentado. A base vocabular, que aponta para um conjunto semântico

(o mar e os elementos a ele associados), faz parte do que é denominado de ‘palavras-chave’ (MACHADO, PAGEAUX, 1988, p. 64), articulação morfológica que monta uma rede representativa de uma época ou cultura. A apropriação desse ‘arsenal’ situa o leitor num campo específico e cria o imaginário central sobre o qual a poesia vai incidir. No entanto, a morfologia padrão e basilar (mar, barco, navegante) será fragmentada em imagens e sentidos pessoais, a partir da percepção do poeta e da sua memória mais íntima. Por isso aportam à poesia as ‘palavras-fantasma’, que saem do nível aparentemente fechado e fixo da primeira envergadura textual e criam uma abertura de significados ‘fantasmáticos’. O fantasmático configura a cadeia significativa que é móvel e talvez, em princípio, estrangeira ao próprio eu-lírico, como também não tem um sentido assegurado pela *doxa*. A aventura, então, é navegar nas águas de si e entrar em contato com a Alteridade, que está implícita em qualquer viagem. Sabemos que a dimensão do Outro que este último conceito implica não é necessariamente de um outro externo, mas de uma identidade-fantasma que habita o ser. Carvalho tem noção desta ambivalência e faz dela o impulso de parte da sua produção: “Marinheiros de mares tão salgados,/ não temeria aqueles que vêm d’alma,/ – largos, profundos e sem fim” (1977, p. 105).

Situado neste espaço da língua que aponta para o mergulho do ser nos mares ‘largos e profundos’ de uma subjetividade densa, o poeta viaja sem sair do lugar, o que aproxima sua trajetória do que Machado e Pageaux denominam de *viagem imóvel*, “a *mise en scène* do eu num espaço feito de palavras” (1988, p. 33). Será através das palavras-fantasmas que a viagem se transforma num “elemento profundamente revelador dos problemas do ser em si” (1988, p. 33). Como explica Margarida Reis, a viagem inevitavelmente traz para perto de nós a “imagem da nossa própria existência” (2009, p. 5). Através dela o viajante “constrói cartografias afectivas, descobre mundos ideais, *foge de algo* ou em busca de algo, mas sem nunca se libertar de si próprio” (2009, p. 5) (grifo nosso). Essa experiência-limite que traz para a poesia o viés autobiográfico permite um reconhecimento indagador: “Oh, se carrego almas de marinheiros,/que porto espero para as minhas âncoras?/Com fantasmas a bordo, quem me quer?” (1983, p. 42).

O espaço escolhido, o *mar*, fala então do próprio espaço psíquico, já que “reproduz e significa a paisagem mental do escritor” (MACHADO, PAGEAUX, 1988, p. 67). Ele, se traz o passado familiar (o avô) e o histórico (as navegações), também revela um desejo de deriva, de afastamento das relações parentais mais próximas, de fuga da realidade e perigosamente inclina a proa para a dimensão da melancolia mórbida: “A tormenta eu procuro. E ela me foge!/Por Netuno, oceano, rebelai-vos/

¹³ Utilizamos a edição de 1967, que está incluída na Coletânea *Água da fonte*.

para um naufrágio que honre meus avós!” (1977, p. 56). A nostalgia entra então como um componente indissociável dessa viagem, já que representa, como bem assinala Paul Ricoeur, a dificuldade de romper com o passado e entrar em estado de luto: “La nostalgie, tirée en arrière par un regret qui tient encore attaché à ce qui est perdu – le deuil qui, selon l’analyse de Freud, est le début d’une réconciliation avec la réalité” (RICOEUR, 2013, p. 29). A paisagem interior que se desenha, portanto, é terrificante, dolorida, reveladora de um ser à deriva, que encontra na glosa do naufrágio a imagem de si¹⁴.

Nau suicida

Quero ser uma nave bem antiga:
navio de pirata ou brigue nômade.
Sonho velas abertas, ventos fortes
e, sempre de surpresa, uma tormenta.

Imagino viagens oceânicas.
Eu peço marinheiros com saudade,
áspera fala, maresia na alma,
corpo marcado pelas tatuagens.

Se eu fosse um brigue, não queria âncoras,
nem porto de descanso, nem apelos
para o sono da paz nas enseadas.

Mas não terei a sorte de ser nau,
de ir à crista das vagas nas procelas...

Ah, que tristeza nunca naufragar!
(1973, p. 30)

Pode-se indagar sobre a presença do mar na infância do poeta como forma de explicar a repetição significativa dessa imagem. No entanto, nos vários relatos em que conta um pouco da sua meninice, Carvalho cita a convivência com a estrada de ferro e os trens, já que seu pai ocupou o cargo de secretário da construção da estrada de ferro em Baturité (depois em Iguatu). As linhas férreas, todavia, não foram geradoras de sua produção poética, nem entraram como reminiscência de um passado.

O mar e as viagens entram, como falamos anteriormente, pelo viés da história e da literatura. Herdeiro de uma tradição cultural amparada ainda na viagem conquistadora, que revelava o auge dos impérios e nações, Carvalho se apossa do tema, mas não consegue encarnar a imagem do herói conquistador ou marinheiro destemido. No presente em que se situa, parece somente ver os cadáveres dos naufragos da história.

Indisposto com a terra, predisposto ao mar, joga-se na rede das ondas e, infelizmente, não encontra salvação para si. Se a viagem pede saída e chegada, a de Carvalho assemelha-se a um barco em travessia derivante, que

oscila entre a praia de que partiu (ou fugiu) e o porto (inexistente) para onde navega. Tal errância encontra em um episódio da infância uma correspondência tragicamente exemplar:

Em 1910 chegava ao Rio de Janeiro o Couraçado Minas Gerais. Esse Couraçado passou a figurar em todos os jornais e em todas as revistas do Brasil. E eu que sempre fui um menino inquieto, resolvi construir um Couraçado Minas Gerais, e servindo de tábua, de caixão de cerveja, construí um navio e fui atravessar a lagoa que ficava atrás do hotel do meu avô e da minha própria residência. Acontece, porém, que o Couraçado naufragou. E eu felizmente tive força para gritar muito alto, a ponto de chamar a atenção dos habitantes [...] e eles então, nadando, vieram e me salvaram (1987, p. 50).

Se o menino conseguiu gritar e não afundar junto com o navio, o velho grita pelo verso, mas sabe que o naufrágio a si está predestinado.

Referências

- ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: Edição do Autor, 1994.
- ANDRADE, Ana Maria Teixeira. *Deslocamento e denúncia no romance Sua Majestade, o Juiz*. 2012. 210 f.. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista: Ed. Universidade de São Francisco, 2001. p. 11-35.
- BUESCU, Helena. *Grande angular: comparatismo e práticas de comparação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Fortaleza: UFC, 1999.
- CARVALHO, Jáder de. *Água da fonte*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.
- CARVALHO, Jáder de. *Menino só*. Fortaleza: UFC, 1997.
- CARVALHO, Jáder de. *Poemas inesperados*. Fortaleza: Terra de Sol, 1978.
- CARVALHO, Jáder de. *Terra bárbara*. Fortaleza: Terra de Sol, 1982.
- CARVALHO, Jáder de. *Toda a poesia de Jáder de Carvalho*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1973.
- CARVALHO, Vinícius Araújo de. *Meu pai, Jáder de Carvalho*. Fortaleza: Tribuna do Ceará, 1987.
- FERREIRA, Marie-Jo. Identité et immigration: les portugais du Brésil, acteurs des relations luso-brésiliennes. In: ROLLAND, Denis (Coord.). *Archéologie du sentiment en Amérique Latine*. Paris: L’Harmattan, 2005. p. 61-76.
- GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso: introducción a la literatura comparada (ayer y hoy)*. Barcelona: Tusquets Editores, 2005.

¹⁴ A literatura de naufrágio, variante do gênero de literatura de viagem, tem em Portugal um livro-chave: *A história trágico-marítima*. Ver estudo do livro e do subgênero em Seixo, Maria Alzira; Carvalho, Alberto (1996).

- IPIRANGA, Sarah Diva da Silva. *O sol da palavra: a literatura cearense sob o signo solar*. Fortaleza: Imprece, 2006.
- IPIRANGA, Sarah Diva da Silva; LOPES, Sávio Alencar de Lima. As estações do eu: infância, memória e velhice na poesia de Jáder de Carvalho. *Revista de Letras*. Fortaleza, n. 32, v. 1, p. 75-80, ago./dez. 2013.
- LAGO, Pedro Corrêa do. *Brasiliana Itaú: uma grande coleção dedicada ao Brasil*. São Paulo: Capivara, 2009.
- LEAL, Ângela Barros. *Jáder de carvalho*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2000.
- LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da Literatura*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- MAIA, Fernanda Paula Sousa. *O discurso parlamentar português e as relações Portugal-Brasil (1826-1852)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.
- MORÃO, Paula. *Viagens na terra das palavras: ensaios sobre literatura portuguesa*. Lisboa: Cosmos, 1993.
- NAVA, Pedro. *Bau de ossos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NOBRE, António. Só. Alfragide: Leya, 2009.
- REIS, Margarida. A viagem. *Textos e Pretextos*. Lisboa, n. 13, p. 5-8, outono/inverno, 2009.
- RICOEUR, Paul. Vers la Grèce antique. *Esprit*, Paris, n. 399, p. 20-42, nov. 2013.
- SALES, Antônio. *Aves de arribação*. Rio de Janeiro: José Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979.
- SECCHIN, Antônio Carlos. Brasil/Portugal: algumas tensões poéticas e políticas do Romantismo. In: *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 167-177, 2009.
- SEIXO, Maria Alzira; CARVALHO, Alberto. *A história trágico-marítima: análises e perspectivas*. Lisboa: Cosmos, 1996.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polémicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Recebido: 06 de abril de 2015
Aprovado: 21 de setembro de 2015
Contato: sipiranga@campus.ul.pt